

# COMUNICAÇÕES

## PRÁTICAS DE INFORMAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

*Regina Maria Marteleto*

*Curso de Mestrado em Ciência da Informação  
Convênio CNPq/IBICT—UFRJ/ECO  
22290 Rio de Janeiro, RJ*

*Leila Beatriz Ribeiro*

*Mestranda em Ciência da Informação  
Convênio CNPq/IBICT—UFRJ/ECO  
22290 Rio de Janeiro, RJ*

### 1 \_ INTRODUÇÃO

As pesquisas de usuários realizadas no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação têm se restringido aos aspectos comportamentais e sistêmicos de relação entre os sujeitos, a informação e os sistemas de informação. Grande número dessas pesquisas, realizadas com o objetivo de avaliar os sistemas de informação, projeta o plano técnico de operacionalização dos sistemas sobre questões de geração, comunicação e absorção de informações, que ocorrem no contexto do sistema de informação, entre sujeitos que vivem práticas sociais situadas e concretas. Os instrumentos de pesquisa que vêm sendo mais empregados são os questionários, inferindo-se de maneira distanciada sobre questões que dizem respeito às práticas e representações dos sujeitos, no seu mundo vivido, sobretudo no profissional.

O que se propõe nesta pesquisa é uma nova maneira de olhar a relação entre os sujeitos e as informações que circulam socialmente, tomando como ponto de partida as suas práticas de informação, em situações concretas, para daí procurar descrever essas práticas e, pela sua descrição, aprofundar e situar conceitualmente noções como informação, usuário, uso, necessidade. Essa perspectiva levou-nos ao uso de uma metodologia qualitativa, onde os

### RESUMO

*Neste artigo é apresentada parte dos resultados de uma pesquisa realizada junto a alunos do 2º grau do Colégio Pedro II — Unidade de São Cristóvão, RJ, durante o período de 1986/88. Partiu-se de pressupostos teóricos que contextualizam a instituição educacional como uma organização mediadora dos processos informacionais vivenciados na sociedade. Buscando trabalhar novas dimensões do fenômeno informacional, empregou-se uma metodologia qualitativa, a fim de apreender as práticas de informação dos sujeitos no seu cotidiano, assim como as representações que eles elaboram a partir delas, e que, por sua vez, alimentam essas e outras práticas. A observação e a interpretação das ações e das falas dos sujeitos pelo pesquisador levaram a algumas considerações conclusivas a respeito das noções de informação e de usuário de sistemas de informação.*

instrumentos utilizados foram a observação e a entrevista.

Partiu-se também da idéia de que uma teoria, para dar conta da variedade e diversidade das práticas de informação, não pode prescindir de uma abordagem interdisciplinar, a fim de situar diferentes dimensões do fenômeno informacional.

### 2 — CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO

#### 2.1 — PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O propósito deste trabalho é registrar as práticas de informação de alunos do 2º grau na escola pública, através da observação das situações e das falas de diferentes componentes do aparato escolar.

O estudo da informação no contexto educacional, em uma situação concreta, vivida, partiu de pressupostos teóricos genéricos e de algumas questões básicas que foram, no desenrolar da pesquisa, confrontados com a prática por um processo de construção teórica do objeto de estudo.

O pressuposto básico foi o de que existe entre os dois processos — informação e educação — uma relação de interdependência, pelo fato de ambos se fundarem no princípio de apreensão da realidade — o conhecimento —, e de se

explicitarem concretamente na linguagem. Esta última é a instância mediadora tanto da informação quanto da educação, na medida em que ambos os processos se realizam através das relações simbólicas, no âmbito de um sistema cultural de produção de significados.

Por serem processos que ocorrem no espaço de um sistema cultural, tanto a informação quanto a educação possuem uma dimensão histórica, e envolvem relações antagônicas vivenciadas por diferentes grupos sócio-econômicos com diferentes acesso aos meios de poder e uma resultante capacidade desigual para produzir, distribuir e legitimar suas concepções de mundo e experiências devida. Assim, os processos educacionais e informacionais, enquanto expressões de uma experiência vivenciada contraditória, representam os princípios compartilhados que emergem entre grupos e classes específicos, em condições sócio-históricas concretas<sup>1</sup>.

A instituição educacional, na qual foram observadas as práticas de informação dos alunos, foi então contextualizada como uma organização social, desencadeando uma atividade mediadora no seio da prática social global, referindo-se a uma sociedade concreta, historicamente situada e colocando-se em face das demais manifestações sociais em termos de ação recíproca<sup>2</sup>.

A contextualização da instituição educacional e dos processos informacionais que se desencadeiam no seu interior é que permite observar que estes tendem a reproduzir as relações de desigualdade e de dominação que ocorrem no contexto social mais amplo — a sociedade capitalista —, onde os atos dos sujeitos dirigem-se ou regem-se por objetivos e finalidades, orientados por critérios de racionalidade e pelos interesses da produção e do trabalho.

Partiu-se também do pressuposto de que não existe uma correlação constante entre um papel institucional predefinido e como as pessoas interagem e respondem a esse papel. Assim, alunos e professores não foram considerados como meros receptores ou disseminadores de informações geradas em outras instâncias de legitimação do saber ou no seio da hierarquia institucional da escola. Sendo intermediários nesse fluxo informacional, tanto os professores quanto os alunos, ao trazerem para a escola as expressões da sua vivência e experiência de vida, as confrontam com a informação didática,

filtrando, comunicando e gerando novas informações.

As práticas de informação no ambiente escolar constituíram, dessa forma, o objeto do estudo, cuja problemática geral foi assim enunciada:

— De que forma os sujeitos (alunos), que estão atravessando uma fase de aprendizagem social, mediada pela escola, incorporam e objetivam, a seu modo, as informações das quais se apropriam em diferentes momentos e contextos de vida?

## 2.2 — A DIMENSÃO QUALITATIVA DAS PRÁTICAS DE INFORMAÇÃO

A fim de lançar alguma luz sobre essa questão, buscou-se analisar, pela observação direta das práticas dos alunos e professores, a relação entre as informações que a instituição educacional seleciona, organiza e transmite, e as experiências de vida contraditórias que tanto os alunos quanto os professores trazem mutuamente para a escola<sup>3</sup>.

A noção de prática foi empregada não apenas no sentido das ações dos sujeitos no cotidiano observado, como ainda para caracterizar a maneira do observador se aproximar do seu objeto de estudo, pela observação direta das práticas dos sujeitos e das representações que constroem a partir delas.

Esses sujeitos foram os alunos de três turmas da 2ª série do 2º grau do Colégio Pedro II — Unidade de São Cristóvão e o seu professor de História. A pesquisa de campo abrangeu o período de agosto a novembro de 1987, e foram empregados os seguintes instrumentos:

- observações em sala de aula;
- entrevistas com alunos, professores, bibliotecários;
- atividades desenvolvidas com alunos em sala de aula;
- contatos com diversos setores do colégio;
- observação dos diferentes momentos e situações do cotidiano do colégio, bem como dos eventos que se realizaram naquele período: eleições do Grêmio Estudantil, reformulação do Código de Ética dos Alunos.

Em cada fase do trabalho procurou-se apresentar e discutir com os pesquisados os objetivos e as questões básicas do estudo, com o propósito de possibilitar uma maior comunicação e troca de informações entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos.

A partir da proposta teórico-metodológica e das práticas observadas, foram formuladas algumas categorias de análise, que funcionaram como elo de ligação entre os planos teórico e prático. A noção de categoria foi entendida como "os conceitos básicos que pretendem refletir os aspectos gerais e essenciais do real, suas conexões e relações, e que correspondem às condições concretas de cada tempo e lugar"<sup>4</sup>.

A primeira categoria empregada foi *ação educacional*; por ela entendendo-se o conjunto de meios e de agentes que a instituição educacional aciona para efetivar a sua tarefa de educar e de formar. Ela diz respeito ainda à *ação educacional difusa*, que os sujeitos recebem de todos os membros educados de uma formação ou grupo setorial, ou à *ação educacional familiar*<sup>5</sup>.

A segunda categoria, que estabelece uma relação entre os processos educacionais e informacionais, é *ação informacional*. Por esta entende-se o conjunto de agentes e de meios que a instituição educacional aciona (recursos audiovisuais, biblioteca, tecnologias educacionais) com o objetivo de apoiar e reforçar a ação pedagógica. Ela abrange também a *ação informacional difusa* (meios de comunicação de massa, informações culturais e de grupos de referência) e a *ação informacional familiar*.

Por essas categorias procurou-se situar os alunos, enquanto sujeitos, e os professores, enquanto agentes da ação educacional e informacional.

A noção de *práticas de informação* foi empregada como categoria central do estudo, referindo-se aos mecanismos de geração, comunicação, recepção e transformação da informação pelos alunos. O contato com o cotidiano do Colégio possibilitou uma compreensão mais nítida e rigorosa dessa categoria, pela observação dos deslocamentos dos alunos nos processos de comunicação, em diversos momentos e situações, posicionando-se ora como emissores, receptores ou referentes nesses processos.

As práticas de informação, embora orientadas pelo espaço institucional e pelas regras pedagógicas, contêm elementos de outras práticas vivenciadas fora do ambiente escolar, e ainda elementos da própria informação pedagógica transformados e integrados em outras práticas.

O material coletado no decorrer da pesquisa de campo passou pelo seguinte processo de análise:

- os alunos enquanto emissores, receptores e referentes nos processos de comunicação pedagógica — através da fala do professor e dos alunos;
- o professor enquanto emissor, receptor e referente nos processos de comunicação pedagógica — através da sua própria fala e da dos alunos.

### 3 — A ESCOLA COMO ESPAÇO INFORMACIONAL

Os deslocamentos dos sujeitos e agentes nas suas próprias práticas de informação dependem da maneira como estes encarnam seus papéis dentro da instituição escolar.

O aluno representa quase sempre o papel de receptor nos processos de comunicação; é o principal referente no discurso da instituição; em determinados momentos é emissor, explorando os espaços para a sua ação e sua fala, seja no contexto da sala de aula, seja nos espaços criados ou reconstruídos no cotidiano escolar. Esses espaços são transitórios, renováveis, devido à sua condição de passagem pela instituição. São formados e/ou reconstruídos pela ação coletiva dos alunos, que buscam ampliá-los utilizando-se de dois meios principais: a mobilização e a participação.

O professor representa o papel de emissor nos processos de comunicação. Enquanto agente do discurso pedagógico, ele é o intermediário entre a instituição e o aluno.

#### 3.1 — PRÁTICAS DE INFORMAÇÃO NA SALA DE AULA

A sala de aula é o espaço delimitado pela instituição onde ocorrem os processos de comunicação orientados pelo planejamento didático-pedagógico. É também um espaço reconstruído pelos processos de comunicação entre professor e alunos; em outras palavras, um território<sup>6</sup> delimitado por práticas de informação capazes de engendrar formas de relacionamento, "relações de proximidade e distância".

A disposição espacial da sala de aula constitui, em princípio, uma barreira aos processos de comunicação: o professor/emissor em posição de destaque, dado seu papel institucional, e os alunos/receptores em carteiras individuais e enfileiradas direcionando-os para o professor. Essa disposição, orientada pelas normas disciplinares e pedagógicas, é no cotidiano continuamente refeita, seja pelo deslocamento

físico dos alunos e do professor, seja pelos novos arranjos criados pelos processos de comunicação: a não resposta a uma pergunta feita pelo professor; o silêncio; as leituras fora do tema da aula; as conversas; a participação ou atenção dos alunos em relação à fala do professor; as formas de relacionamento que se criam pela alternância entre o lúdico e o sério.

Exemplo da Turma A — Durante todo o decorrer de uma aula, dois alunos lêem atentamente e comentam um artigo de jornal, sobre Carlos Drummond de Andrade, apesar de serem advertidos pelo professor.

Exemplo da Turma B — O tema da aula é "Brasil Colônia; paralelo entre as sociedades canavieira e mineira". O professor cita o filme *Chico Rei* e o poema *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, para ilustrar a época da mineração. Sobre a sociedade canavieira, o professor, para fazer uma relação entre o Brasil Colônia e o atual, introduz o conceito de latifúndio. Conta aos alunos a viagem que fez ao Nordeste, onde se surpreendeu com a extensão das terras pertencentes a uma fazenda de plantação de cana-de-açúcar: "Durante 30 minutos de viagem de carro, a uma velocidade média de 80 km/hora, de um lado e de outro, as terras pertenciam a uma mesma fazenda." Uma aluna comenta: "Essa extensão corresponde a três vezes a ponte Rio-Niterói!"

O tema da aula, a maneira de tratá-lo, utilizando-se de uma variedade de fontes de informação, assim como os dados da experiência de vida do professor, mostrados não como coisa passada, adquirida, mas como algo que está em processo, provoca uma aproximação entre o professor e os alunos. Estes são momentos construídos pela ação dos sujeitos e agentes, em situação concreta de comunicação.

O exemplo abaixo mostra, no entanto, a posição contraditória do aluno em relação à sua participação nos processos de comunicação:

"... a aula que nós temos aqui é uma aula muito formal. O professor fala para o aluno, o aluno grava, e é só aquilo. Eu acho que devia ser: eles mandam a matéria, o aluno reflete sobre aquilo e volta com a sua opinião, seu ponto de vista...suas dúvidas, concordando ou discordando. Até certo ponto — tem que ser gradativo — porque se der muita liberdade de uma vez só, o aluno vai abusar. Porque o aluno não sabe, vai começar a bagunça." (entrevista com alunos da Turma A)

O aluno, embora investido do papel de receptor que lhe é institucionalmente dado, visualiza um tipo de relação de comunicação onde a sua vivência e a sua reflexão sobre as informações passadas pela escola sejam consideradas. "Até certo ponto", um ponto talvez em que não se chegue a uma inversão de papéis, e que resguarde a sua posição de sujeito no processo educacional informacional.

### 3,2 \_ PRÁTICAS DE INFORMAÇÃO PELA MOBILIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Por sua ação no ambiente escolar, os alunos criam, em diferentes momentos e situações, espaços de reconhecimento e de identificação com o outro — de disputa, de troca, de participação e de mudança —, legitimados ou não pela instituição.

Um desses espaços é o Grêmio Estudantil, que é a instância de representação dos alunos junto ao Colégio e ao movimento estudantil. Neste, o aluno passa a ser emissor e referente, num ambiente de conflito e de busca de uma ação coletiva, através de dois meios, por eles identificados: a mobilização e a participação. Esses meios são vistos pelos alunos de maneiras diferenciadas, e se concretizaram na disputa eleitoral para a diretoria do grêmio:

Aluno representante da Chapa 1:

"Primeiro a gente vai ver, organizar tudo internamente, — a parte cultural, social, para depois ver em relação ao externo... [o movimento estudantil]."

O processo de mobilização, de acordo com a Chapa 1, teria duas etapas, sendo a primeira delas a mobilização interna dos alunos e depois a externa, levando então à participação.

Aluno representante da Chapa 2:

"... As coisas têm que ir paralelas. As lutas [estudantis] constroem uma pessoa politicamente e as atividades sociais e culturais constroem as pessoas dinamicamente."

O processo de mobilização, de acordo com a Chapa 2, seria feito simultaneamente, através de atividades internas e junto ao movimento estudantil, sendo a participação construída por esses processos de luta dentro e fora do Colégio.

Um espaço criado pelos alunos foi a reformulação do *Código de Ética do Aluno do Colégio Pedro II*, sugerida pela diretoria do

Colégio, e que durou cerca de um semestre. Os alunos utilizaram esse momento como um meio de mobilização e participação, em reuniões com professores e representantes da diretoria do Colégio, onde, discutindo um documento que tratava dos deveres e direitos dos alunos, introduziam questões relativas aos problemas do Colégio, desde os aspectos pedagógicos, disciplinares e administrativos, até a abertura da instituição para o debate de questões mais gerais da sociedade. Por exemplo, a entrada no Colégio de candidatos a cargos políticos para discussão de suas plataformas com alunos e professores.

Um espaço projetado pelos alunos seriam as atividades que poderiam ser realizadas paralelamente àquelas previstas no planejamento curricular. Por elas os alunos teriam um meio para se conhecerem, e trocarem idéias sobre o seu cotidiano e obterem informações mais diretamente ligadas aos seus problemas e à sua vivência prática e social.

Alunos da Turma C — trechos de entrevistas:

"Eu acho que se tivesse um meio aqui, um professor, se tivesse um tempo, restrito, para conversar assim, com os alunos, acho que seria interessante..."

"E não seria uma coisa que você teria que fazer uma prova. Eu acho que isso não devia ser uma coisa cobrada em prova. Uma coisa complementar àquilo tudo, separado..."

"É isso mesmo... não seria obrigado a saber, fazer uma prova, seria uma informação."

"E também o aluno não vai ser obrigado a ir lá, assistir àquela aula, se você estiver interessado em saber, você vai lá e assiste à aula..."

"É. Estudos para a vida."

O espaço projetado pelos alunos difere daqueles oferecidos pela instituição em vários aspectos: nele haveria troca de idéias, e não um processo linear de comunicação; não seria obrigatório, seria um espaço de prazer; não seria um espaço de assimilação de conteúdos, mas de busca de informações ligadas ao processo de vida de cada aluno — "estudos para a vida", e não para prestar contas em uma prova.

### 3.3 — A BIBLIOTECA

A biblioteca é vista pela instituição como um espaço de apoio pedagógico, exercendo uma

ação informacional em relação aos alunos, mediada pelo professor.

Buscou-se, através das falas dos alunos, perceber como estes representam a biblioteca enquanto espaço de ampliação das suas práticas de informação.

A biblioteca do Colégio é vista por eles como um espaço frio, do silêncio, das normas que dificultam o acesso, da dificuldade de contato com os profissionais, e como espaço de reprodução das práticas pedagógicas, limitando-se a fornecer o material para as pesquisas solicitadas pelos professores.

Alunos da Turma C — trechos de entrevistas:

"... sabe aquele arquivo, acho que é arquivo da biblioteca que você pode procurar as fichas. A gente não tem acesso àquilo... Aposto que a maioria aqui não sabe como procurar num catálogo daquele, não sabe nada sobre biblioteca, não sabe encontrar um livro. Aqui eles não orientam nada não..."

"E ultimamente a biblioteca não está servindo mais para a gente pesquisar alguma coisa para o nosso interesse... está servindo só para estudar."

"São duas as finalidades da biblioteca: estudar e matar aula também."

"Além dos livros didáticos, deveria ter livros para agente ler..."

Os alunos projetam a biblioteca como espaço de apoio pedagógico, onde as aulas poderiam ser complementadas com recursos audiovisuais, por exemplo, as aulas de Biologia e de História; como espaço de prazer, com acesso livre, organizado de maneira informal e incluindo na sua coleção romances, livros sobre a atualidade, revistas e outros materiais fora do programa curricular.

Os alunos não vêem o bibliotecário como um agente informacional, mas como um funcionário do Colégio que administra a coleção bibliográfica, dificultando o seu contato com os livros. Por sua vez, o bibliotecário vê a sua ação informacional mediada pelo professor, que é o agente que deve estimular a ida dos alunos à biblioteca.

"... O professor, ao passar uma pesquisa para o aluno, já fornece, de uma certa forma, um

contato biblioteca e aluno. O aluno vai ter que vir obrigatoriamente mais à biblioteca."

A ação do bibliotecário fica dessa forma limitada ao cuidado com a coleção e ao fornecimento do material bibliográfico para as pesquisas escolares, reproduzindo e, mesmo reforçando o esquema didático tradicional e, por consequência, deixando de contribuir para a ampliação do espaço informacional dos alunos.

#### 4 — FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

A escola organiza e distribui as informações de acordo com objetivos preestabelecidos pelo planejamento pedagógico, selecionando e dando um arranjo especial às informações que são produzidas em outras instâncias de produção do saber (universidade, institutos de pesquisa). Os currículos escolares representam uma parte das informações produzidas socialmente, que por sua vez são passadas aos alunos através dos programas das disciplinas e são recuperadas, em parte, pelo processo de avaliação<sup>7</sup>.

Para a instituição educacional, existem duas dimensões no processo de passagem das informações: a) do conteúdo, que é a informação propriamente dita; b) das formas de passagem dos conteúdos, que são as metodologias didáticas.

- Numa reunião de professores de História com o coordenador pedagógico, tratava-se da reorganização curricular para separação dos conteúdos a serem incluídos nos programas. O coordenador observa: "Nós não temos que ensinar tudo, a escola não tem essa pretensão. Basta desenvolver o espírito crítico, a reflexão, que aí nós estamos dando aos alunos um instrumento para que eles possam achar o caminho da escola para eles."  
(Entrevista com o professor de História)

Cabe ao professor, a partir dos conteúdos, criar mecanismos para que o aluno possa desenvolver o espírito crítico e a reflexão. Neste sentido, para o professor, a informação se contrapõe à formação, entidades distintas, mas que não devem ser trabalhadas separadamente.

"... informar, mas informar com uma diretriz, o sentido de por que você estudou alguma coisa. Você não estudou alguma coisa para ser um banco [de informações] e na hora que for cobrado..."  
(Entrevista com o professor de História)

Os alunos, por sua vez, não questionam a seleção de informações operada pela escola, nem a maneira como o currículo é elaborado. Eles apontam para o que falta no currículo (informações sobre sexualidade, profissões), para as áreas que são mais valorizadas em relação a outras que eles consideram importantes, mas que são menos prestigiadas na composição curricular (por exemplo, as ciências exatas em relação à filosofia); criticam a maneira como são passados determinados conteúdos pelos professores, restringindo, no entanto, as suas críticas ao tipo de relação que o professor consegue estabelecer com os alunos.

- Nas aulas de Biologia, segundo os alunos, a professora fala sobre os órgãos genitais, e se recusa a responder perguntas sobre sexualidade. Uma aluna comenta:

"Ela explica as coisas cientificamente, não explica a realidade..."  
(Entrevista com alunos da Turma C)

Esse exemplo demonstra o quanto o aluno espera do professor enquanto agente educacional e informacional — não o agente que transmite informações de maneira linear e descontextualizada (informações científicas), mas aquele que leva em conta a realidade do aluno, a sua vivência, o seu mundo.

No decorrer de uma entrevista com alunos da Turma C, onde o tema foi escolhido por eles, foi sugerido que se discutisse a questão da sexualidade, área em que eles se consideram desinformados, tanto por parte da família, quando pela escola. A fonte de informação mais utilizada pelas alunas são as revistas para moças: *Carinho*, *Carícia* etc., e pelos alunos as conversas com colegas ou amigos. No entanto, eles consideram como fontes de informação mais importantes nessa área, e às quais normalmente não têm acesso, as conversas com pessoas (pais, colegas etc), e sobretudo as informações passadas pelo Colégio,

"... eu acho que é a melhor coisa a educação dos pais, em casa, e no colégio. Acho que ainda mais no colégio, muito melhor porque a professora vai ter mais liberdade, dependendo da cabeça da professora, vai ter mais liberdade do que a mãe... Porque no colégio você teria aquela explicação científica e também poderia ter aquela explicação real. E na sua casa, de repente, sua mãe não sabe tudo que você precisa saber."  
(Entrevista com alunos da Turma C)

processos que não são puramente cognitivos, mas também emocionais, políticos, sociais etc. Ainda, o papel social e institucional dos sujeitos demarca, mas não condiciona inteiramente, a sua possibilidade de deslocamento nos processos de comunicação. A ampliação das práticas de informação supõe "espaços de fala" já legitimados, construídos ou projetados pelos sujeitos e agentes da ação educacional.

2º — a informação, assim como as falas dos sujeitos, é eminentemente situacional, e não pode ser divorciada do contexto da ação em que ocorre, tomando conotações diferentes de acordo com a posição dos sujeitos nos processos de comunicação, com o seu poder maior ou menor sobre o significado, e a posse legítima dos meios para enunciá-lo.

Isso quer dizer que a informação não é uma entidade, um corpo, um objeto ou uma "coisa" facilmente isolável para efeito de análise. Ela constitui, como sugere Edgar Morin, uma "potencialidade", contendo uma dimensão histórica e estruturante, e ocorrendo quando sujeitos interlocutores se encontram no ato de comunicar.

As questões aqui levantadas, e o caminho percorrido para estudá-las, abrem campo para que os conceitos, em vez de serem tratados com rigidez, "coisificados", adquiram conotações situadas, de acordo com as práticas e as representações que os sujeitos constroem a partir delas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS

- 1 GIROUX, H. *Teoria crítica e resistência em educação*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- 2 SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 7ª ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1986.
- 3 Para uma leitura exploratória sobre as metodologias qualitativas:  
FILSTEAD, W.J., ed. *Qualitative methodology: firsthand involvement with the social world*. Chicago, Rand McNally Call. Publ. Comp., 1970.
- GREVER, R. & GLAZIER, J. implications for application of qualitative methods to Library and information Science Research. *Library and Information Science Research*. 7:247-260, 1985.
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.
- 4 CURY, Carlos R. Jamil. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.
- 5 BOURDIER, P. *A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Francisco Alves 1982.
- 6 SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis., Vozes, 1981, p.23, Cap. 1: "... a idéia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros. Conhecer a exclusividade ou a pertinência das ações relativas a um determinado grupo implica também localizá-la territorialmente. É o território... que traça limites, especifica o lugar e cria características que irão dar corpo à ação do sujeito."
- 7 BERNSTEIN, B. *On pedagogic discourse*, s.n.t., mimeo, 60p.

#### INFORMATION PRACTICES ON SCHOLAR ENVIRONMENT

##### ABSTRACT

Data from research made with second grade students of Colégio Pedro II, São Cristóvão units, Rio de Janeiro, during the period of 1986/88 is presented. The conceptual embasement for the study was the assumption that the educational institution is an organization which intermediates the informational processes that occur in the society. A qualitative methodology was applied, in order to grasp the informational practices of the subjects in their daily life, the representations they made out from these practices, and, at the same time, how this action feed other experiences. The observation and interpretation of the actions and speeches of the subjects led to some conclusive considerations towards nations of information and users of information systems.